

Crianças na Universidade Federal da Bahia: a extensão universitária como um lugar para as infâncias

Juliana Prates Santana

Adriana Freire Pereira Ferriz

Resumo

O projeto de extensão “Crianças na UFBA” tem como objetivo a utilização do espaço universitário, especificamente a Praça das Artes, no *campus* de Ondina, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelas crianças e suas famílias. A proposta tem como princípios: a criança como um sujeito de direitos e em desenvolvimento; a desinstitucionalização dos tempos livres; a brincadeira como uma expressão cultural e como o fazer prioritário da criança; o direito à cidade, a partir da ocupação do espaço público; o incentivo ao não consumismo na infância; a equidade e solidariedade das relações; e a sustentabilidade na relação com a natureza. O projeto foi criado em 2015, tendo recebido 3 mil crianças nas 49 edições realizadas. Nos espaços diversos de interação, estão presentes monitores que acolhem as crianças e suas famílias e mediam as atividades, sem que haja uma condução. Este artigo reflete a efetivação da tríade pesquisa, ensino e extensão, no fortalecimento de uma universidade pública, gratuita, inclusiva, socialmente referenciada e de qualidade.

Palavras-chave: brincadeiras; crianças; espaço público; programa de extensão; Universidade Federal da Bahia.

Abstract:

Children in the Federal University of Bahia: university extension as a space for children

The extension project "Children at UFBA" aims to give to children and their families access to university space, specifically the Arts Square, located at Ondina campus, at the Federal University of Bahia (UFBA). The proposition adheres to the following principles: the child as a subject of rights and in process of development; the de-institutionalization of free time; leisure as a cultural expression and a priority for children; the right to access the city, based on the occupation of public space; encouraging of non-consumerism in childhood; equity and solidarity in relationships; and sustainability in the relationship with nature. The project was developed in 2015. It has already welcomed 3,000 children in the span of 49 sessions. Monitors responsible for greeting children and their families are spread on diverse interaction spaces and they mediate the activities there carried without conducting it. This article represents the embodiment of the research, teaching and extension triad, for the empowerment of a free, inclusive, socially-referenced and high-quality public university.

Keywords: children; extension; Federal University of Bahia; playtime; public space.

Resumen:

Niños en la Universidade Federal da Bahia: la extensión universitária como un lugar para las infancias

El proyecto de extensión "Niños en la UFBA" tiene como objetivo utilizar el espacio universitario, específicamente la Praça das Artes, en el campus de Ondina, en la Universidade Federal da Bahia (UFBA), para los niños y sus familias. La propuesta tiene como principios: el niño como sujeto de derechos y en desarrollo; la desinstitucionalización de los tiempos libres; el juego como una expresión cultural y como prioridad para los niños; el derecho a la ciudad, basado en la ocupación del espacio público; el fomento al no consumismo en la infancia; la equidad y solidaridad de las relaciones; y sostenibilidad en relación con la naturaleza. El proyecto fue creado en el 2015, habiendo recibido 3 mil niños en las 49 ediciones realizadas. En los distintos espacios de interacción, están presentes monitores que acogen a los niños y sus familias y median las actividades, sin realizarlas. Este artículo refleja la efectividad de la tríada investigación, enseñanza y extensión, en el fortalecimiento de una universidad pública, gratuita, inclusiva, socialmente referenciada y de calidad.

Palabras clave: espacio público; juegos; niños; programa de extensión; Universidade Federal da Bahia.

Introdução

Relatar a experiência do projeto de extensão “Crianças na UFBA” não é uma tarefa fácil, pois, aparentemente, escapa dos moldes acadêmicos de relato e funcionamento por ser absolutamente simples, e, justamente por isso, expressa o que há de mais utópico na relação da criança com o espaço público. O “melhor projeto do mundo”, como foi eleito pelas crianças, tem como (simples) objetivo a ocupação do espaço universitário por esse grupo social. Tal ocupação expressa a potência das crianças, a capacidade criativa delas, os seus modos de apropriação do mundo e do espaço. A universidade com as crianças não se parece com a universidade dos adultos, e, talvez por isso, a descrição desse projeto também não caiba nos formatos estritos dos artigos científicos tradicionais. O desafio está em expressar todo esse colorido, esses sons, esse movimento de correr, pintar, pular corda, ao mesmo tempo que se demonstra a solidez teórica dos princípios que o fundamentam, assim como a potência que se constitui na efetivação da tríade pesquisa, ensino e extensão, no fortalecimento de uma universidade pública, gratuita, inclusiva, socialmente referenciada e de qualidade.

A negatividade e a invisibilidade da infância têm sido debatidas como importantes marcadores da compreensão dessa etapa da vida (Heywood, 2004; Qvortrup, 2014; Sarmento, 2005, 2007). Se, por um lado, crianças são sujeitos que ainda não são (negatividade), por outro, estão ausentes dos debates públicos, das análises sociais (invisibilidade). Esta última se expressa também na quase inexistente presença de crianças no espaço da universidade.

Percebe-se essa invisibilidade da criança na universidade pela ausência de tema relacionado nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação; no reduzido número de projetos de pesquisa e extensão que têm crianças como participantes, e não apenas como alvos das ações; e na escassa presença de crianças e de espaços reservados para elas no contexto universitário. Observa-se que as crianças são temas de estudo em áreas que tradicionalmente se destinam a estudá-las, como a Psicologia, a Pedagogia, a Pediatria, havendo, em outras áreas, apenas a oferta de disciplinas optativas que se debruçam sobre essa temática.

Nesse sentido, pode-se dizer que as crianças não são percebidas nos currículos como sujeitos de direitos cujas vidas são também afetadas por todas as áreas de conhecimento. Por outro lado, a ausência das crianças na universidade (com exceção das creches e das escolas de aplicação) faz com que haja um estranhamento dos seus modos de fazer com o esperado grau de seriedade da formação universitária. Uma observação de uma das edições do “Crianças na UFBA”, em uma tarde de sábado, pode transmitir a ideia de pura balbúrdia, de ausência de regras ou planejamento, de um caos generalizado de alegria e diversão. Esse é exatamente o resultado almejado, sendo que isso não decorre da ausência de planejamento ou de princípios claros. O relato da experiência do projeto pretende demonstrar que a espontaneidade e a seriedade não são polos opostos e que todos ganham quando a criança é inserida no contexto social.

Princípios norteadores do “Crianças na UFBA”

O projeto se organiza com base em princípios que orientam as atividades desenvolvidas, como: a criança como um sujeito de direitos e em desenvolvimento; a desinstitucionalização dos tempos livres; a brincadeira como uma expressão cultural e como o fazer prioritário da criança; o direito à cidade, a partir da ocupação do espaço público; e o incentivo ao não consumismo na infância. Além desses, outros princípios norteadores das ações são a equidade e solidariedade das relações e a sustentabilidade na relação com a natureza, que não serão tratados com profundidade neste artigo.

A criança como um sujeito de direitos e em desenvolvimento

O projeto “Crianças na UFBA” se ancora em duas áreas do conhecimento: a Psicologia do Desenvolvimento da Criança e os Estudos Sociais da Infância. Nesse sentido, compreende-se que a criança é um sujeito em situação peculiar de desenvolvimento e um sujeito de direitos, tal como preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990. Além disso, a criança é um ator social, que possui agência e é produtor de cultura, sendo competente nas suas formas de compreensão do mundo, não sendo apenas um devir do adulto (Borba; Lopes, 2012; Corsaro, 2011; Sarmiento; Gouvea, 2009). Essa assunção primordial faz com que toda a equipe do projeto esteja voltada para atender às crianças em suas necessidades, de modo a favorecer a autonomia e participação. Pautando-se nos postulados da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner; Morris, 1998), compreende-se que o campus da Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante as edições do projeto, configura-se como um microssistema, em que se estabelecem interações face a face, significativas, que têm impacto no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). A premissa da importância das relações face a face e das interações sociais como molas propulsoras do desenvolvimento fundamenta todas as estratégias adotadas.

A desinstitucionalização dos tempos livres

A infância, desde o seu surgimento, está atrelada às instituições família e escola, sendo que, atualmente, a vida das crianças tem sido cada vez mais marcada pela inserção em contextos institucionalizados (Sarmiento, 2007). Muitas escolas funcionam em regime de tempo integral, e, mesmo quando isso não acontece, as crianças acabam por passar o contraturno escolar em diversas atividades, que ocupam praticamente todas as horas do seu dia. Esse fenômeno se amplia para preencher inclusive os finais de semana e as férias das crianças com as diversas ofertas de atividades potencialmente educativas ou promotoras de um desenvolvimento saudável. Mahoney, Harris e Eccles (2006) e Mahoney e Vest (2012) destacam as

agendas superlotadas das crianças, colocando-se contrárias a essa perspectiva de superocupação infantil como benéfica para o desenvolvimento. Nesse sentido, o “Crianças na UFBA” pretende ser um espaço em que tudo é possível fazer, inclusive o nada. As atividades estão disponíveis para as crianças, mas essas não são compulsoriamente incluídas, havendo respeito pelo interesse, pelo tempo e pelo modo de fazer de cada uma.

A brincadeira como uma expressão cultural e como o fazer prioritário da criança

Independentemente das perspectivas teóricas, das áreas de conhecimento ou dos objetivos subjacentes ao debate sobre o papel da brincadeira, todos concordam que o brincar é o fazer prioritário das crianças (Marques; Bichara, 2011) e se constitui uma importante expressão cultural da infância (Corsaro, 2009; Portilho; Tosatto, 2014). Essa máxima é fio condutor das ações do projeto, sendo relevante destacar que não adotamos uma perspectiva utilitária ou instrumental. Isto é, apesar de ancorados no conhecimento da Psicologia do Desenvolvimento sobre a importância do brincar e os benefícios dessa ação para o desenvolvimento da criança, não se pretende ensinar nada nem garantir o melhor desenvolvimento infantil por meio da brincadeira. Pretende-se, de fato, propiciar um espaço em que a criança possa realizar aquilo que faz de mais sério, que é o brincar.

Atualmente, o brincar da criança migrou dos espaços públicos para os internos. O perigo das cidades, justificado pela violência (real ou midiaticizada), e o fato de a cidade ser dos carros, e não das pessoas, ampliou o afastamento das crianças do espaço público (Bichara *et al.*, 2011). Isso remete a outro princípio do projeto, que se refere ao direito à cidade por meio da ocupação do espaço público.

A infância e o espaço público

O fato de as ruas e os espaços públicos terem se transformado em impróprios para a brincadeira das crianças fez com que fossem criados espaços “segregadores”, ou seja, os *shoppings centers*, os restaurantes, as clínicas e os parques privados foram organizados para separarem os adultos das crianças. A relação da criança com o espaço público e o direito à cidade vêm sendo abordados por vários estudiosos (Farias; Müller, 2017; Müller; Nunes, 2014; Rasmussen, 2004; Bichara *et al.*, 2011) que, por um lado, explicitam e defendem o direito da criança de usufruir da cidade como um espaço de desenvolvimento e de interações sociais e, por outro, denunciam a ausência de espaços que acolham efetivamente as crianças,

as ruas e os espaços públicos, em geral, têm sido percebidos pelos adultos como ambientes impróprios para crianças, e parte dessa concepção fundamenta-se na crença de que as crianças são seres frágeis, passíveis de proteção diante dos perigos existentes, principalmente nos ambientes urbanos. (Bichara *et al.*, 2011, p. 168).

Nesse sentido, há uma diferenciação entre “espaços para crianças” (*places for children*), que seriam esses locais planejados e estruturados pelos adultos para ocorrência da brincadeira infantil, e “espaços das crianças” (*children’s place*), aqueles dos quais elas realmente se apropriam, mesmo sem terem sido planejados para esse fim (Rasmussen, 2004 *apud* Bichara *et al.*, 2011). O projeto “Crianças na UFBA” busca transformar um espaço para adultos em um espaço para crianças e de crianças.

O incentivo ao não consumismo na infância

O sistema capitalista como modo de produção tem um objetivo muito bem definido, que é o lucro. A realização do lucro só se efetiva se o ciclo se completar, ou seja, se a produção, o comércio e o consumo de mercadorias forem efetivados. Por isso, há um investimento massivo para o consumo de mercadorias (Netto; Braz, 2008). Assim, para o capitalismo, quanto mais se consumirem mercadorias, maior será o lucro.

As crianças não são excluídas desse processo, havendo um grande incentivo ao consumismo infantil. Isso se reflete nos espaços privados de lazer, na oferta indiscriminada de produtos e serviços e na introdução de um modo de subjetividade que valoriza os bens e produtos largamente difundido pela mídia. A cidade de Salvador, no estado da Bahia (BA), como outras cidades brasileiras, possui espaços públicos restritos, sendo que o processo de “revitalização” de algumas áreas da cidade fez com que houvesse, na verdade, um processo de privatização das praças e áreas verdes. Tornou-se quase impossível frequentar uma das praças da cidade sem ser bombardeado por produtos e serviços que são oferecidos para as crianças. Tendo isso em vista e compreendendo que o espaço universitário poderia se constituir um espaço protegido desse bombardeio de consumo, o projeto “Crianças na UFBA” definiu como pilar fundamental o não incentivo ao consumismo infantil. Para isso, estabeleceu como forma de organização a ausência de venda de qualquer tipo de produto, o incentivo às trocas, o reaproveitamento de recursos e a diminuição na produção de resíduos.

As crianças e famílias são informadas de que não temos produtos à venda e de que devem trazer consigo água, lanches e brinquedos que possam ser compartilhados. Esse eixo é um dos mais tensionados na execução, mas, ao mesmo tempo, é aquele que produz mais impacto nas relações estabelecidas no cotidiano do projeto. Ao longo desses cinco anos, foi possível notar a surpresa dos adultos por não existirem relações baseadas em compra e venda (estes se surpreendem com os lanches ofertados, com os brinquedos construídos e doados) e a alegria das crianças em perceberem que o dinheiro não será um tensionador das relações. Em uma das edições, uma criança frequentadora, ao saber que poderia levar para casa uma bola de meia feita com os monitores, disse: “Hoje foi a primeira vez que meu pai não me disse não! Tudo é de graça!”.

Conhecendo o “Crianças na UFBA”

O projeto acontece durante as tardes dos primeiros sábados de cada mês,¹ na Praça das Artes, espaço considerado ponto de encontro e lugar de convivência entre os estudantes, palco de intervenções, espetáculos e debates, sede de grandes eventos e espaço de projetos de extensão e manifestações políticas e culturais. Localiza-se entre a biblioteca central da universidade e o restaurante universitário, o que possibilita que seja frequentado pelo público externo. Desde 2015, esse local se transforma física e simbolicamente com a presença de crianças e famílias. A área verde, com árvores, flores, declives naturais, torna-se espaço prioritário das brincadeiras e interações. O lugar se agiganta quando consideramos a estatura das crianças, mas também a falta de espaço que caracteriza parte das moradias.

Para a realização do projeto, atuam as duas coordenadoras, de dois a três estudantes bolsistas, além de uma média de 15 monitores voluntários de vários cursos de graduação. Compõem também a equipe os estudantes de componentes curriculares que utilizam o projeto como campo de prática, assim como profissionais de uma residência multiprofissional em desenvolvimento infantil na comunidade.

No período de novembro de 2015 a março de 2020, o projeto “Crianças na UFBA” realizou 49 edições, com participação de aproximadamente 3 mil crianças, sendo que na primeira edição tivemos 30 crianças e naquela com maior número de participantes tivemos 390 crianças, estimando um número de 700 pessoas no local. Desde a sua concepção, o projeto atende ao público interno (docentes, servidores e discentes) e externo à universidade. Inicialmente, restringia-se ao ciclo de contatos pessoais e profissionais das coordenadoras, mas hoje se configura como um espaço fixo da agenda pública da cidade.

O espaço físico do projeto é organizado pela disposição de várias estações de atividades, que são chamadas de “cantinhos”, alguns deles fixos, por exemplo:

- artes: são disponibilizados tintas, pincéis, lápis de cor, papel, entre outros materiais;
- leitura: há um pequeno acervo de livros coletados por meio de doações, além de termos, em algumas edições, grupos ou convidados que fazem a contação de história;
- fantasias: conjunto de roupas e acessórios para que as crianças possam se fantasiar de heróis, princesas, animais, ou enfeitar as próprias vestimentas com acessórios, como chapéus, colares, óculos;
- jogos gigantes de tabuleiro: dama, jogo da velha, arremesso de argolas e pescaria;
- brinquedos tradicionais: pião, corda, elástico, bolas de meias, vai e vem feito de material reciclado, bilboquê, barangandão.

¹ As atividades presenciais do projeto foram suspensas no mês de março de 2020, em cumprimento à Portaria da UFBA nº 103/2020, devido à pandemia causada pela covid-19.

Em algumas edições, foi preparado um espaço voltado para crianças menores de um ano, com acolchoado e brinquedos adequados para essa faixa etária.

Os cantinhos fixos são acompanhados por estações móveis de atividades que se relacionam com as temáticas escolhidas mensalmente para o projeto. Em geral, essas temáticas se associam com os princípios do projeto, traduzidos em ações lúdicas, como: brincadeiras do Brasil; plantação de sementes; visita a uma área de preservação ambiental na universidade, com acompanhamento de docentes de Biologia; Medicina Veterinária; ações de reciclagem; bazar e trocas de livros e brinquedos. Somado a isso, as temáticas se relacionam com as festividades regionais (São João, Carnaval) e com eventos científicos e culturais que ocorrem na universidade, por exemplo, o Fórum Social Mundial (FSM) e os congressos anuais da UFBA. Outro norteador para a definição das temáticas são as parcerias que foram construídas ao longo da existência do projeto, como a mostra de arte das crianças de uma escola de educação infantil da cidade, que é inaugurada na nossa última edição do ano e permanece no *foyer* da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa por 15 dias. Trata-se de uma oportunidade de as crianças e suas culturas permanecerem no espaço universitário acadêmico em diálogo com toda a comunidade.

A realização do projeto só é possível pelo estabelecimento de parcerias com projetos de extensão existentes nas diversas unidades da UFBA, bem como com projetos e instituições externas. Algumas parcerias foram esporádicas e atuaram em apenas uma edição, enquanto outras se firmaram como permanentes, como ocorreu com o “Projeto das Abelhas sem Ferrões”, da Escola de Medicina Veterinária/Zootecnia, o Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos (Noap) e o Projeto de Biblioteca Itinerante Dom Quixote.

O público que participa é diversificado, sendo uma parte vinculada à própria universidade (docentes, discentes e servidores técnico-administrativos) e a outra formada pelo público externo à UFBA. Foi possível perceber que os grupos foram formados muitas vezes em função das escolas de origem, já que as famílias acabam por marcar piqueniques e aniversários no local. Pode-se dizer que o público é prioritariamente de classe média, e algumas das hipóteses levantadas para isso foram o fato de o projeto ocorrer no sábado à tarde (horário de trabalho para uma parte da população), as formas prioritárias de divulgação (redes sociais e lista de transmissão), a localização da própria universidade e as barreiras simbólicas que se impõem sobre esse espaço como não sendo público. Como forma de minimizar essa questão, foram realizadas parcerias com projetos específicos que trouxeram as crianças atendidas, a partir da viabilização do transporte pela universidade, por exemplo. Além disso, intensificou-se a divulgação do projeto nas Unidades de Saúde da Família, em que os residentes que atuam nele estão inseridos, assim como por meio de visitas e cartazes colocados em instituições escolares do entorno.

O projeto apresenta uma forte dimensão formativa, servindo como campo de prática dos discentes das disciplinas IPSC26 – Psicologia do Desenvolvimento da Criança e IPSD54 – Intervenção Psicossocial com Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na cidade de Salvador, bem como das profissionais de uma residência multiprofissional em infância. Além disso, já foram recebidos estudantes de vários

cursos de graduação e de especialização da UFBA no intuito de conhecer o projeto e/ou como parte de atividades formativas de seus respectivos cursos. Outro ponto a destacar é que o projeto foi campo de estágio supervisionado obrigatório para duas alunas de universidades espanholas em mobilidade internacional na UFBA.

Compreendendo o papel da extensão universitária e a potência do “Crianças na UFBA” enquanto um espaço de difusão do conhecimento e das ações executadas pela universidade, foi organizada uma edição especial, denominada “UFBA mostra sua cara para crianças”. Esse projeto foi inspirado na ação da Pró-Reitoria de Graduação, que realiza o “UFBA mostra sua cara” para estudantes do ensino médio da rede pública e privada da cidade.

Com o auxílio do corpo técnico da Pró-Reitoria, foi possível reunir projetos de extensão, representantes de diversos cursos, empresas juniores, os Programas de Educação Tutorial (PETs) e demais interessados. O objetivo central foi mostrar as diversas iniciativas que movimentam a universidade, enfatizando também a dinâmica e as particularidades de cada curso de graduação. Dessa forma, as crianças e suas respectivas famílias puderam conhecer um pouco do que a UFBA desenvolve, para além das atividades de ensino. Cada grupo organizou um estande, em que apresentava o projeto/ação/curso, com *banners*, folhetos explicativos, além de oferecer experiências para as crianças, como:

- a utilização de diversas frutas regionais, expostas pelo grupo de nutrição;
- os princípios da eletricidade e os conceitos de força, pressão e área, trabalhados pelo Instituto de Física, por meio de protótipos de circuitos elétricos e da cama de pregos;
- os estudantes de Medicina optaram por fazer tatuagens nas crianças, desenhando o esqueleto infantil na área escolhida por elas.

Pode-se dizer que, nesse dia, a UFBA se configurou, de fato, como um espaço de crianças e para crianças de todas as idades (Rasmussen, 2004).

Considerações finais

Em tempos de retrocessos no campo dos direitos, de corte de verbas públicas nas diversas áreas, prioritariamente educação, saúde e assistência social, o projeto “Crianças na UFBA” se constitui um foco de resistência. Baseando-se na compreensão freiriana sobre alegria e esperança (Freire, 2002, 2004), defende-se neste artigo que a alegria é uma forma radical de resistência. Em um contexto e sistema político que se alimentam da desesperança, da apatia, da insatisfação generalizada, é preciso resistir tendo esperança e alegria – esperança aqui entendida na perspectiva freiriana de esperar. De acordo com Cortella (2015, p. 22), referindo-se às ideias de Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir

atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

É nesse sentido que o “Crianças na UFBA” se constitui uma utopia da construção de um novo mundo possível. Ao encarnar a articulação de ensino, pesquisa e extensão, o projeto materializa formas concretas de apropriação do espaço público. Coloca ainda a criança em um lugar de ser e devir, pois se espera que hoje ela possa ocupar o espaço universitário como brincante, mas que um dia possa voltar como um/uma jovem estudante. Sempre afirmamos que, apesar de simples, o “Crianças na UFBA” é radical no desejo de constituição de novos modos de sociabilidade e de tornar a universidade, e, conseqüentemente, a cidade, um lugar de criança. Concluímos com a frase do reitor, professor doutor João Carlos Salles² “a UFBA poderá até ser o lugar da balbúrdia, mas nunca será o lugar da barbárie”.

Referências bibliográficas

BICHARA, I. D. et al. Espaços externos para brincar: o olhar das crianças através de fotos. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 167-179, 2011.

BORBA, A. M.; LOPES, J. J. M. Novas formas de compreender a infância. *Revista Educação*, São Paulo, número especial, p. 28-41, 2012.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Seção 1, p. 13563.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Trabalho original publicado em 1979.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. New York: Wiley, 1998. v. 1, p. 993-1028.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORTELLA, M. S. *Educação, convivência e ética: audácia e esperança!* São Paulo: Cortez, 2015.

² Gestões 2014-2018 e 2018-2022.

FARIAS, R. N. P.; MÜLLER, F. A cidade como espaço da infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAHONEY, J. L.; HARRIS, A. L.; ECCLES, J. S. Organized activity participation, positive youth development, and the over-scheduling hypothesis. *Social Policy Report*, [Washington], v. 20, n. 4, p. 3-31, 2006.

MAHONEY, J. L.; VEST, A. E. The over-scheduling hypothesis revisited: intensity of organized activity participation during adolescence and young adult outcomes. *Journal of Research on Adolescence*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 409-418, 2012.

MARQUES, R. L.; BICHARA, I. D. Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 28, n. 3, p. 381-388, jul./set. 2011.

MÜLLER, F.; NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul./set. 2014.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. *Economia política: uma introdução crítica*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PORTILHO, E. M. L.; TOSATTO, C. C. A criança e o brincar como experiência de cultura. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 737-758, set./dez. 2014.

QVORTRUP, J. Visibilidades de crianças e infância. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23-42, 2014.

RASMUSSEN, K. Places for children: children's places. *Childhood*, [Oslo, Norway], v. 11, n. 2, p. 155-173, 2004.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). *Infância (in)visível*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-52.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Portaria nº 103/2020. Dispõe sobre a suspensão das atividades na UFBA, devido à disseminação do novo Coronavírus (Covid-19)*. Salvador, 19 mar. 2020. Disponível em: <http://www.ims.ufba.br/sites/ims.ufba.br/files/noticias/portaria_103-2020.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

Juliana Prates Santana, doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho, Braga, Portugal, é professora associada do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordena o Grupo de Estudos Interdisciplinares Crianças e Contextos (GEIC/UFBA).
juliana.prates@ufba.br

Adriana Freire Pereira Ferriz, doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é professora adjunta do curso de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na área da Educação (Gepesse).

adriana_jua@yahoo.com.br

Recebido em 17 de agosto de 2020

Aprovado em 02 de fevereiro de 2021